

GRAÇA INFINITA NO BRASIL (UMA HISTÓRIA PESSOAL)

INFINITE JEST IN BRAZIL (A PERSONAL STORY)

Caetano Waldrigues Galindo¹

RESUMO: Pelos olhos de um dos tradutores de sua obra, o texto apresenta um pequeno panorama da recepção da literatura de David Foster Wallace no Brasil, com especial ênfase ao processo de tradução e lançamento de seu romance *Graça Infinita (Infinite Jest)*. Além disso, o texto argumenta em favor da relevância da obra e do pensamento de Wallace para o Brasil dos dias atuais.

Palavras-chave: David Foster Wallace; tradução; ética.

ABSTRACT: Through the eyes of one of the translators of his work, this paper aims to present a small panorama of the reception of David Foster Wallace's literature in Brazil, paying special attention to the process of translating and publishing of his novel *Infinite Jest (Graça Infinita)*. Besides that, the paper argues for the relevance of Wallace's body of work, and of his ideas, to contemporary Brazilian society.

Keywords: David Foster Wallace; translation; ethics.

Uma primeira versão deste texto foi originalmente publicada na revista Polja, na República Sérvia. Aqui ele aparece revisto, ampliado, repensado, sem que no entanto se apague seu destinatário original, motivo de toda essa reflexão: alguém ainda mais distante de mim do que você pode estar. Ou não.

Talvez o mundo nunca tenha precisado tanto da literatura de David Foster Wallace.

¹ UFPR/CNPq.

Eu ao menos, olhando aqui deste meu canto do planeta, vendo um Brasil profundamente dividido, marcado pelo ódio, pela intolerância, por vários tipos de normatividade que se recusam a ver o outro reclamar o direito de ser o que é e de ser como é, posso dizer que nos faz imensa falta um discurso baseado numa tentativa de compassividade, de aceitação, um discurso centrado no legítimo esforço de entender outras pessoas e viver ainda que por poucos minutos segundo os parâmetros e dentro das condições de vida de uma pessoa diferente. Viver efetivamente nessas condições, com o máximo possível de suspensão de uma nossa axiologia solipsista, tão fundamental: o máximo que ainda nos permita enxergar dobrado, em dobro, contrastar.

Ao longo dos últimos treze anos eu vivi uma considerável imersão na obra de Wallace, e tive inclusive a oportunidade de traduzir *Infinite Jest (Graça Infinita)*, seu romance mais conhecido, de 1996, e *The Pale King (O Rei Pálido)*, o romance que ele deixou inacabado, em 2008, e que foi publicado três anos depois. O primeiro deles saiu no Brasil em 2014, e o segundo está em produção (a tradução já foi entregue), e deve sair no ano que vem.

Mas embora essas traduções sejam em grande medida o motivo de eu me ver convidado a conversar aqui com você, tão distante de mim e no entanto aproximado pelo interesse que temos pela obra de um mesmo autor, é claro que meu envolvimento também se deu primeiro como leitor. E, como leitor, fui eu também como que vitimado pelo fascínio despertado pela obra de Wallace.

Em 2005 eu me entreguei à curiosidade e fui finalmente ver o que havia naquele romance de que tanto se falava em círculos que tanto me interessavam. Tende a ser assim, afinal. A palavra que pesa é a dos amigos, daqueles que mais se parecem com você. A “bolha” de que tanto se fala nas redes sociais é apenas uma intensificação da “panelinha”, que por sua vez é mero adensamento do “círculo pessoal”. Cheguei

portanto a *Infinite Jest* seguindo as dicas de gente que era em grande medida como eu, sem nem imaginar que me veria diante de uma das mais radicais experiências de valorização da alteridade que já tiveram lugar na minha vida.

Naquele momento eu queria inclusive uma prova de vida. Queria que Wallace me mostrasse que o romance ainda era relevante. Eu estava no meio da primeira versão da minha tradução do *Ulysses*, de James Joyce (que viria a ser publicada apenas em 2012), e me incomodava a sensação de que os romancistas que se seguiram a Joyce de alguma maneira tiveram que fechar os olhos para as inovações e os questionamentos que o *Ulysses* inaugurava. Ou seja, me incomodava a sensação de que a literatura pós-*Ulysses* era em considerável medida ainda pré-*Ulysses*.

Acho que foi em setembro de 2005 que abri a primeira página de *Infinite Jest*. Nos anos seguintes eu li absolutamente tudo que David Foster Wallace tinha publicado e, pelo menos até uns três anos atrás, quando a produção acadêmica começou a decolar de verdade, ainda podia dizer que também tinha lido tudo que alguém escreveu sobre ele.

Eu li os livros.

Li os textos não recolhidos em livros.

Ouvi gravações de leituras públicas.

Li entrevistas. Ouvi entrevistas. Vi entrevistas.

E o mais estranho (e maior prova da grandeza do autor que fui descobrindo) foi que ao invés de aquele romance me provar que o *Ulysses* podia ser “superado”, o que ele conseguiu foi me fazer perceber no *Ulysses* todo um conjunto de coisas que eu ainda não estava valorizando. *Graça Infinita*, menos que *continuator* do *Ulysses*, se revelou um irmão necessário da obra irlandesa.

Porque eu comecei a tradução do romance de Joyce como tinha começado sua leitura, anos antes: em busca de inovação formal, de virtuosismo técnico. E é claro que encontrei tudo isso ali (e com sobras). No entanto, acabei saindo de dez anos de

envolvimento com o *Ulysses* com a absoluta convicção de que seu maior impacto na minha vida, e na dos leitores ao longo de quase um século desde sua publicação, terá sido humano, humanista. O *Ulysses*, como costuma notar o poeta brasileiro Paulo Henriques Britto, é provavelmente o único grande livro do modernismo que se constitui como monumento à aceitação, à afirmação, ao tonitruante *sim* que o encerra.

Aquele dado “cômico”, tão central para a obra e tão frequentemente menosprezado, se estende assim e o define como um todo. Não em alguma necessidade de buscar o riso, mas nessa leitura carnavalizada de mundo, realidade, espírito. Nessa leitura sintética, inclusiva, participativa. E o fato é que (apesar de o mundo também inapelavelmente cômico de Wallace ser bem menos ‘otimista’ que o de Joyce, e contar com um inegável elemento trágico), na minha formação como leitor, como tradutor, como *pessoa*, eu simplesmente não consigo separar o processo de aprendizado que vivi com Joyce do processo de aprendizado que vivi com *Infinite Jest*, e com todo o resto da produção de DFW.

Algumas semanas atrás, ainda como consequência do lançamento de *Sim, eu digo sim* (2016), meu *guia* de leitura do *Ulysses*, eu fui convidado a dar um curso na biblioteca municipal de Curitiba, cidade onde nasci e sempre morei. O tema do curso, no entanto, não era apenas o *Ulysses*. Eles queriam que eu falasse da aproximação entre Joyce e Wallace. E foi apenas no processo de preparação daquelas três aulas de três horas (que se sobrepôs ao processo de redação deste texto), que me dei conta da profundidade da relação que esses dois autores estabeleceram na minha vida, na minha carreira, na minha visão de mundo. Mas é óbvio (para mim ao menos é óbvio) que durante esses anos todos ela estava operando como que em segundo plano, determinando e orientando minhas escolhas, minhas leituras e minha produção (meu único livro de contos, por exemplo...).

A eles se juntaram leituras anteriores, agora também reinterpretadas por esse novo paradigma (Wallace detonou uma espécie de efeito cascata na minha leitura de

romances, na minha leitura de mundo) e igualmente ativas na reinterpretação do próprio paradigma; a eles também se juntaram autores e autoras novos que pude descobrir já a partir desse olhar “reformatado”, alterado por esse processo.

O mais curioso, no entanto, é que minha carreira como tradutor literário também se delimita em grande medida por esses dois autores.

Quando me sentei para traduzir a primeira página do *Ulysses*, eu nunca tinha traduzido profissionalmente na vida. Quando publiquei minha versão do romance de Joyce, no entanto, ela já era minha vigésima-quinta tradução. E foi também certamente a repercussão que teve o “meu” *Ulysses* que levou ao convite para traduzir *Infinite Jest*.

Eu entreguei a versão final do *Ulysses* para a editora no final de 2011. No começo de 2012 já estava trabalhando com o maior romance de Wallace. Àquela altura havia considerável expectativa entre os leitores brasileiros. A reputação de Wallace (ao menos entre aqueles que se interessam pela literatura criativa, inventiva) só vinha aumentando, na mesmíssima medida em que uma nova geração de autores começava a ocupar um espaço cada vez maior no cenário editorial: uma geração de escritores que tinham em Wallace uma influência definitiva.

Nomes como os de Sérgio Rodrigues, Joca Reiners Terron, Daniel Pellizzari e Daniel Galera, em entrevistas e em ensaios críticos, vinham ajudando a cimentar a influência de Wallace sobre um leitorado que não necessariamente tivera contato com sua produção. Ao mesmo tempo a produção própria dessa nova geração de romancistas (em geral mais novos que o próprio Wallace) ia ajudando a “acostumar” esse leitorado a uma literatura que, ainda que não fosse derivativa, imitativa, se formava também a partir das preocupações e das abordagens de Wallace.

Os leitores de ficção literária de “alto nível” vinham sendo expostos a Wallace, consciente ou inconscientemente. E, especialmente depois da inevitável (e em alguma medida indesejável) repercussão do suicídio do autor, seu nome foi se tornando uma

espécie de palavra mágica que representava o que de mais novo se podia pensar em matéria de literatura.

Mas outro fato curioso é que em 2008, quando chegou a notícia da morte de Wallace...

(Eu lembro bem. Estava sentado exatamente onde estou sentado agora, escrevendo para você poder ler aí na outra ponta do mundo ocidental. Minha mulher recebeu um e-mail de uma ex-aluna. Corri verificar a veracidade da história na internet. Depois de alguns minutos tentando encontrar informações, depois de alguns minutos torcendo para que a aluna estivesse errada, torcendo que não fosse verdade, eu não consegui fazer nada além de levantar, ir até a sala de casa e passar a próxima hora improvisando, nem lembro que tipo de coisa, no piano desafinado, quase da minha idade, que fica ao lado da janela... música sempre foi a minha tentativa de escapar do caos...).

... ele na verdade não era um autor inédito no Brasil. *Brief Interviews With Hideous Men* (*Breves entrevistas com homens hediondos*, na tradução de José Rubens Siqueira), seu segundo livro de contos, tinha sido lançado aqui em 2005, pela mesma Companhia das Letras, a maior e mais importante editora literária do país. No entanto, por alguma razão (*timing*, “afinação” entre tradutor e tipo de prosa...) aquele lançamento passou muito longe de ter a repercussão que a editora e os fãs de Wallace poderiam esperar.

Eu mesmo, dois meses antes de sua morte, tinha publicado numa revista literária (*Arte & Letra*) uma tradução de seu texto sobre David Lynch.

Só que entre os tributos e lamentos de seus por enquanto poucos leitores no Brasil (houve inclusive a criação de um site, editado por mim, pelos romancistas Pellizzari e Galera e pelo editor André Conti, que em breve seria o responsável pelos

outros lançamentos de Wallace), veio também a quase imediata popularização por aqui de “This is Water”, o hoje famosíssimo discurso de formatura que Wallace pronunciou no Kenyon College ainda em 2005, e que logo depois seria lançado nos Estados Unidos em forma de livro.

Aqui, uma grande revista mensal (*Piauí*) comprou os direitos de tradução, e semanas depois da morte do autor os brasileiros foram apresentados àquele que, até hoje, continua sendo o melhor portão de entrada, a melhor apresentação à “chocante” filosofia de vida e de literatura de Wallace. Em pouquíssimo tempo o texto já estava sendo compartilhado, republicado, retraduzido, adaptado em vídeos no YouTube...

Em questão de meses, Wallace deixou de ser um nome citado apenas entre as pessoas mais interessadas nos rumos da literatura mais-que-contemporânea e passou a ser algo reconhecível...

“Aquele romancista que se matou.”

“O cara do texto dos peixinhos que não sabem o que é água...”

Ainda não estava nem perto de ser o tipo de repercussão que poderíamos desejar, mas era um começo. E, especialmente, do ponto de vista de Conti, era a janela de oportunidade para tentar convencer novamente a editora a se envolver com outros projetos wallaceanos, depois da relativa frustração causada por *Breves Entrevistas...*

Foi assim que Sérgio Rodrigues publicou numa prestigiosa revista literária (*Serrote*) uma seleção de trechos do ensaio “E Unibus Pluram”, talvez a melhor definição do “credo” estético de Wallace. Foi assim que os dois Danieis (Pellizzari e Galera) selecionaram, organizaram, traduziram e publicaram a primeira coleção de ensaios de Wallace no Brasil (*Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo*, lançada em 2012).

Dessa maneira, quando se divulgou que finalmente (mais de quinze anos depois de seu lançamento, em 1996), *Infinite Jest* receberia tradução brasileira, e que a tradução ficaria sob responsabilidade de alguém que podia ser um total desconhecido,

mas naquele momento tinha alguma reputação como o recente tradutor do *Ulysses*, tudo funcionou muito bem em termos de geração de expectativas. A editora chegou a me fornecer um espaço no seu blog para eu atualizar os leitores quanto ao andamento do trabalho. A cada quinze dias eu informava quantas páginas já tinha traduzido, e comentava algo a respeito do processo.

Eu não tenho notícia de um processo de tradução recente que tenha sido tão publicamente documentado no Brasil, e que tenha sido cercado de uma expectativa tão palpável. Isso, claro, no mundo da “alta literatura”... Quando, por exemplo, nós chegamos no momento de discutir o título do livro (com suas complicadas ressonâncias shakespearianas), eu e o editor nos vimos sob uma verdadeira chuva das sugestões mais absurdas, bem humoradas, bem intencionadas e disparatadas.

Outro fato que colaborou para essa “tensão” que antecedeu o lançamento do nosso *Graça Infinita*, foi a simultaneidade da tradução do romance em Portugal. Numa situação que há de ser tudo menos estranha para um leitor eslavo, eu posso dizer que os níveis de intercompreensão entre portugueses e brasileiros oscilam demais ao longo de vários eixos. E um deles é o de “formalidade”. Uma entrada da Wikipédia (aliás, só existe uma Wikipédia em português, comum a todos os países que usam a língua) pode ser redigida em Lisboa ou no Rio de Janeiro. O leitor percebe a origem do autor, mas via de regra compreende perfeitamente seu texto. Por outro lado, se eu entregar a um brasileiro a transcrição de uma troca de mensagens de WhatsApp entre dois portugueses, não posso apostar que os significados se mantivessem: as gírias são completamente diferentes, por exemplo. E, como sabe qualquer leitor de romances contemporâneos (e muito especialmente qualquer leitor de Wallace), esses registros menos “formais” da língua são responsáveis por boa parte do tom daquela prosa. Logo, é mais do que seguro afirmar que um leitor brasileiro não conseguiria ler de maneira satisfatória uma tradução lusitana de Wallace. E vice-versa.

Além disso, os dois países costumam negociar em separado a compra de títulos e a publicação de traduções. Estritamente falando, não deveria nem ser possível comprar, no Brasil, a tradução portuguesa de um determinado romance.

Em Portugal, *Infinite Jest* foi traduzido (como *A Piada Infinita*) por uma equipe, pai e filho: Salvato e Vasco Teles de Menezes. Tive oportunidade de trocar e-mails com Vasco (o filho), que de lá para cá se transformou numa conversa mais constante. (Aliás, conversei também, durante a tradução, com o grande Ulrich Blumenbach, tradutor alemão do romance, e pessoa extremamente atenciosa).

Mas, por tudo que se disse acima, a versão portuguesa não deveria chegar ao Brasil. O fato, no entanto, é que chegou. E chegou enquanto a nossa versão ainda estava sendo preparada. Houve interpelações oficiais da editora às livrarias que ofereciam *A Piada Infinita*, e eu cheguei mesmo a receber reclamações de leitores mais desatentos que compraram o livro sem perceber que se tratava de uma edição portuguesa e acharam estranhíssimas as escolhas da tradução!

Uma coisa como essas podia acontecer com um lançamento da série Harry Potter. Podia acontecer com o romance mais recente de Dan Brown. O fato de que estava acontecendo com o complexo, imenso e proibitivamente denso romance de Wallace já dizia muito sobre o *hype*, sobre a curiosidade e até sobre a ansiedade de parte dos leitores no Brasil. *Infinite Jest* estava como que chegando primeiro ao Brasil numa versão “pirata” ...

Via de regra eu trabalho rápido.

A tradução literária é uma atividade que me ocupa as (virtuais) horas vagas, e só pode se manter no meu calendário se for realizada com considerável eficiência. Fora isso, meu ritmo normal de produção já tende a uma certa velocidade. Nada aqui existe de mérito, nem (espero) de demérito. Eu me desinteresso fácil e me desconcentro

rápido. Mas se trabalho num ritmo acelerado, contra prazos e pressas, ganho uma capacidade de concentração mais do que considerável.

Havia a pressão dos leitores.

Havia certo interesse da editora de aproveitar esse interesse para lançar o livro o quanto antes.

Havia aquela tradução portuguesa, que ameaçava esvaziar as primeiras vendas.

E havia o fato de que, se normalmente eu traduzo abrindo a primeira página do livro que me foi encomendado e imediatamente escrevendo uma versão em português (ou seja, sem fazer uma leitura integral prévia, já que entre tradução e pelo menos duas revisões eu vou acabar eliminando essa necessidade, e já que gosto de me manter interessado e curioso pela “trama” enquanto traduzo...), nesse caso a situação era completamente diferente. Eu vinha lendo, relendo, estudando e imaginando possibilidades de produzir uma versão brasileira do experimento linguístico de Wallace há vários anos. Sua impressionante capacidade de gerar aquilo que já chegou a ser chamado de “brain voice” de uma geração, a partir de cacos de oralidade, do discurso constrangedor do mundo corporativo, do vocabulário mais raro e rebuscado, de uma sintaxe ao mesmo tempo complexa e de aparência espontânea... essas marcas já estavam rodando na minha cabeça havia muito tempo. Eu vinha tentando criar um paralelo brasileiro para essa voz: nos emails que escrevia, nos contos que esboçava, em outras traduções.

Eu estava “preparado” para traduzir *Infinite Jest* de uma maneira completamente nova. Nenhum outro livro que eu traduzi tinha sido tão intensamente analisado e esmiuçado antes de eu tentar escrever ao menos uma primeira página. E por isso eu tinha confiança de que daria conta da tarefa em um prazo que a muitos parecia improvável.

Eu tinha doze meses para completar a tradução. Blumenbach, por exemplo, usou seis anos.

(E aqui é necessário mais um parêntese.

Eu teria cumprido o prazo. Mas o fato é que minha mãe morreu em outubro de 2012, depois de quase um mês hospitalizada. Depois disso, levei quase dois meses para retomar a tradução num ritmo minimamente decente.

Esse parêntese é descabido?

Talvez fosse, e eu mesmo provavelmente o considerasse inadequado antes de ter passado por esses anos de imersão em Joyce, em Wallace, no Joyce que Wallace me mostrou, no Wallace que Joyce permitiu. Hoje eu tenho total certeza de que os dois me ajudaram a passar por tudo aquilo, e de que aquela experiência, as semanas no hospital, a ameaça e depois a presença incontornável da morte, a certeza de que tudo que ali possa ter sido dor também se transformou em visão de mundo, em uma parte de mim que me permitiu entender melhor o livro que traduzia, e me fez mais capaz de produzir uma versão dele que disse a mesma verdade em português.

Minha mãe se chamava Iracema, um nome que foi inventado por José de Alencar, romancista brasileiro do século XIX, como anagrama da palavra América. O Novo Mundo. Meu mundo novo, sem ela, foi também o mundo em que eu terminei de me tornar o tradutor de *Infinite Jest*. Também graças a ela.)

Entreguei a tradução em 13 meses.

O livro pôde sair dentro dos prazos previstos, ainda que tivéssemos que contar com mais um atraso de alguns meses, devido ao fato de que preferimos, eu e o André, esperar que Ciça Caropreso, uma das preparadoras de originais da editora com quem tenho maior sintonia, ficasse livre para lidar com o texto de Wallace. Achamos melhor aceitar mais essa demora e dar ao texto uma leitura que sabíamos que ela seria uma das poucas capazes de fazer.

Lidar com literatura “diferente”, ousada, é sempre um risco. E o risco aumenta quando você incorpora à equipe (por mais que a composição da tradução possa ser um trabalho solitário, a publicação da tradução é sempre, e deve mesmo ser, resultado dos esforços de um grupo) alguém que não compreenda as sutilezas daquele projeto. A necessidade, por exemplo, de escrever “errado” em certos momentos, de forçar os limites do seu idioma em outros...

E aguardamos a agenda da Ciça, mesmo que isso levasse a previsão de lançamento lá para o fim de 2014, mais de um ano depois de eu entregar a versão “final”... (pois nesse tempo, além de ela ler toda a tradução, cotejando com o original e sugerindo melhoras, eu ainda pegaria o trabalho dela e releria inteiro, aprovando e comentando cada sugestão... ao longo de 1600 laudas de texto traduzido...)

Mas ainda antes do lançamento houve outro longo processo de escolha, que determinou bastante da fortuna e da recepção do romance no Brasil. A escolha da capa.

Desde o começo o projeto-*Infinite Jest* foi diferente. Em vez da situação normal, em que a editora adquire os direitos de publicação, seleciona um tradutor, consulta sua disponibilidade e encomenda o trabalho, o que havia ali era um projeto pessoal. Desde a primeira visita que fiz à casa do editor André Conti, em 2008, nós ficamos chocados com o quanto nossas bibliotecas se pareciam, e com o espaço que elas dedicavam a David Foster Wallace. Nós já conversamos tanto desde aquele dia que minha memória se transforma numa grande confusão. Mas eu seria quase capaz de jurar que já naquele primeiro dia nós (ambos dados a hipérboles e ambos dados a compromissos solenes!) efetivamente pronunciamos as frases: “vamos publicar o *Ulysses!*” e “vamos traduzir *Infinite Jest!*”.

Aproveitar a repercussão do lançamento de um para alavancar o projeto do outro, portanto, parecia natural. E fiquei acompanhando de perto o processo de convencimento dentro da editora, de elaboração de uma proposta de compra, de

assinatura de contrato. Talvez a tradução acabasse ficando para Daniel Galera, que também acompanhava toda a história. Mas no fundo acho que eu sempre soube que seria minha. E ainda antes de eu entregar a versão final nós começamos (os três, eu Galera e Conti) a pensar em ideias para a capa. E desde muito cedo surgiu o tema da caveira, talvez para compensar a dificuldade de fazer o leitor pensar em *Hamlet* a partir de uma tradução da expressão *Infinite Jest*, que para o leitor anglófono tem grandes chances de evocar imediatamente a cena em que o príncipe da Dinamarca contempla o crânio de Yorick, bobo da corte de sua infância, *a fellow of infinite jest*.

No entanto, nada tinha me preparado (nem mesmo os primeiros estudos que os designers encaminharam para a editora) para a mensagem que recebi em julho de 2014, enquanto participava de uma oficina de tradução literária em Paraty, onde se realiza o maior festival de literatura do Brasil, a FLIP.

O que o anexo da mensagem mostrava era uma projeção, 3D, de uma concepção radical para o livro. Um projeto em apenas duas cores (branco e laranja), que tinha na capa somente uma caveira desenhada em seus contornos, com olhos que vagamente lembravam o símbolo para uma fita de vídeo e a mais leve insinuação de um sorriso. E mais nada. Nada do título do livro, do nome do autor, da marca da editora. Tudo isso estava, claro, na mais do que larga lombada (nossa edição ficou com 1144 páginas). Mas, no que foi o golpe mais original de toda a proposta, o nome do autor e o título do romance estavam também impressos nas bordas das páginas, pintadas com o mesmo laranja da capa.



Estávamos empolgadíssimos. E, na verdade, dada a ansiedade que existia já na internet pela revelação do título e também, nós sabíamos, pela revelação do projeto gráfico do livro, tivemos que nos conter para não revelar a imagem. E não podíamos revelá-la primeiro porque ela ainda precisava ser aprovada pela diretoria da editora, claro, e, segundo, porque logo depois que essa etapa foi vencida (com grande facilidade, na verdade), descobrimos que os representantes de Wallace estavam achando que a escolha da caveira podia ser macabra demais, e podia ser uma espécie de referência à morte do autor.

Escrevi um imenso texto de defesa e explicação da nossa escolha, apontando todos os elementos (a referência tortuosa ao *smiley*, o fato de que a caveira está apenas tracejada, incompleta, o mistério referente ao conteúdo do livro, como no *cartucho* que na trama conteria o filme *Infinite Jest V*, ponto central do enredo), e rapidamente os executores literários de Wallace se convenceram e liberaram a produção. Esta capa, de lá para cá, já repercutiu até fora do Brasil, entre leitores de Wallace e entre designers de livros.

A essa altura, estávamos chegando perto do fim de um processo de mais de um ano e meio de trabalho, e de mais de seis anos desde aquele projeto inicial, na casa de André Conti. O livro foi finalmente lançado no final de novembro de 2014 e, como tinha sido liberado previamente para a crítica, já na semana seguinte recebeu o prêmio de melhor tradução do ano, concedido pela Associação Paulista dos Críticos de Arte.

Menciono o prêmio porque, primeiro, ele denota a curiosidade da própria crítica especializada, que se apressou para conferir o trabalho a tempo de considerá-lo para um dos prêmios mais importantes do Brasil e, segundo, porque ele representou aquilo que no Brasil se chama de “a cereja do bolo” (apesar de nós quase nunca comermos

cerejas!), o detalhe final que como que sacramentou o estatuto de objeto de desejo do livro que nascia.

Aquele momento, editorialmente, foi a hora exata para o aparecimento de *Graça Infinita* no mercado brasileiro. A primeira impressão se esgotou com uma velocidade que surpreendeu até os editores. As primeiras resenhas apareceram imediatamente. Os primeiros vídeos de *booktubers* (um fenômeno que começava a ganhar importância no Brasil, e que hoje é imenso) vieram já em janeiro de 2015, e não pararam de aparecer. A grande imprensa (os senhores da minha idade e mais velhos que eu), os jovens que se manifestavam em blogs e no YouTube, todos registraram o impacto. Houve eventos de lançamento, passei uma semana em São Paulo (eu moro 400 quilômetros ao sul da sede da editora) para dar um curso para leitores, um curso que teve que ter suas vagas sorteadas, dado o excesso de inscritos.

Eu sinceramente não me lembro de um lançamento de um livro tão complexo, tão bem encaixado dentro dos paradigmas da dita “alta literatura” que tenha sido cercado de tamanha atenção. Houve até quem protestasse quanto ao prêmio da APCA, por supor (sem saber que os críticos receberam o livro antes) que eles nem teriam tido tempo de ler, e estariam apenas embarcando na onda de marketing, no que se chamava de *hype*. Mas o fato é que nas semanas seguintes, durante todo o mês de dezembro na verdade, cheio de lançamentos de títulos comerciais para o Natal, não se podia entrar numa livraria brasileira sem ver aquela caveira laranja, sem ver pilhas daqueles livros que se anunciavam já pelas lombadas, sem saber que *Graça Infinita* finalmente tinha chegado.

E quase imediatamente começaram as perguntas: *mas quando sai The Pale King?*

A essa altura o trabalho com o romance póstumo de Wallace já tinha começado, mas acabou sendo concluído apenas no começo de 2016, e neste momento estamos ouvindo as mesmas perguntas dos leitores, ansiosos pelo lançamento, enquanto a mesma Ciça Caropreso trabalha no documento que entreguei, e enquanto mais uma

crise financeira faz com que o calendário de lançamentos da editora como que emagreça, e retarde um pouco mais o lançamento.

Se, como leitor, Wallace tinha mudado minha trajetória, e tinha efetivamente mudado minha vida e se, como tradutor, o convívio com sua obra foi uma escola definitiva não só durante a realização dessas versões, mas também durante todos os anos em que eu imaginava como seria reproduzir aquela *voz* em português brasileiro, como participante do mundo editorial o lançamento de *Graça Infinita* e, em breve, do seu romance seguinte, foram situações extremamente privilegiadas, em que tive a possibilidade (pretensiosa?) de sentir que, como no caso do *Ulysses*, estava definitivamente ajudando a influenciar a paisagem literária brasileira. E mais ainda, talvez, do que no caso de Joyce, já que Wallace certamente fala de maneira mais direta sobre problemas mais familiares do leitor jovem de hoje.

Para quem não leu o livro, por exemplo, a organização InterLace, criada no mundo distópico de *Graça Infinita*, é praticamente idêntica à Netflix, que surgiria mais de dez anos depois. E o fenômeno do *binge watching* estava também assustadoramente prenunciado nesse romance ainda do século XX.

O romance de Wallace, apesar de já ter mais de vinte anos, continuava espantosamente *contemporâneo*, e continuava capaz de determinar os rumos e as preocupações de uma geração de leitores e (o que é ainda mais penetrante) de escritores, que muitas vezes eram crianças quando o livro foi publicado. Os romancistas que mencionei anteriormente têm hoje entre 38 (Galera) e 55 anos de idade (Rodrigues, que portanto é contemporâneo de Wallace, nascido em 1962). Mas gente como Luísa Geisler, premiadíssima autora de meros 26 anos de idade, que declara que Wallace para ela foi uma influência do tamanho da de Joyce, Tchêkhov e Hemingway, por exemplo, talvez demonstre ainda melhor o peso da presença de DFW no Brasil literário de hoje.

E não apenas entre os criadores. Camila von Holdefer, o nome de maior destaque na crítica literária de sua geração (ela tem 29 anos), publicou já em janeiro de 2015 uma resenha gigantesca de *Graça Infinita* que é certamente um de seus trabalhos mais profundos e mais originais (a própria estrutura do texto tem inspiração wallaceana).

Eu, particularmente, como leitor obsessivo de Wallace (e tradutor ainda não satisfeito: quero tentar fazer *Oblivion*, que talvez seja o melhor de seus livros), de fato acho que essa influência é não apenas benéfica, mas de fato necessária, de várias maneiras.

Posso (poderia) ficar milhares de caracteres falando, por exemplo, do saudável exercício de “legitimação” de formas orais espontâneas da língua “da rua” que Wallace me obriga a realizar como tradutor, e obriga seu leitor a aceitar como parte maior do tecido do romance; e posso falar da dificuldade histórica que a literatura brasileira sempre teve no que se refere a lidar com a língua que efetivamente falamos todo dia, e do efeito que esse “tratamento de choque” wallaceano pode ter sobre criadores, críticos e leitores de romances no país. É claro que isso não se deve apenas a Wallace, e nem apenas a este romance, mas o fato é que esta nova geração de romancistas (em geral formada por pessoas multilíngues, e frequentemente dedicadas elas mesmas à tradução literária) tem lidado com isso de maneira muito melhor do que qualquer uma das que a precederam. E acho que DFW tem, sim, um papel nessa mudança de referência.

Posso, portanto, acreditar que o romance nacional nunca tinha precisado tanto de um romancista quanto precisava de David Foster Wallace no começo do século XXI.

Mas eu comecei este texto dizendo que acho que talvez o mundo nunca tenha precisado tanto da obra de Wallace. E acho ainda mais importante terminá-lo voltando a essa ideia.

Graça Infinita saiu no Brasil logo depois do resultado das eleições presidenciais que deram um segundo mandato à presidente Dilma Rousseff, com uma margem estreitíssima de vantagem, que além de tudo mostrava uma nítida divisão do país: Dilma vencia no Norte e no Nordeste (mais pobres) e perdia no Sul e no Sudeste. Sua reeleição e sua posse, em janeiro de 2015, vieram seguidas de protestos que, na esteira das grandes manifestações de 2013 (que ocuparam as ruas do país em protestos contra os gastos na preparação da Copa do Mundo), acabaram culminando em uma das manobras mais baixas da história democrática do Brasil, quando uma presidente eleita foi removida do cargo sem que qualquer ofensa criminal tenha sido comprovada, sendo condenada por deputados e senadores que estavam profundamente envolvidos na desonestidade sistêmica que vinha sendo desmantelada pela maior operação de combate à corrupção que o Brasil (e provavelmente o mundo) já viveu, sendo que vários deles acabaram posteriormente presos e afastados de seu cargo.

Entre fins de 2014 e os dias de hoje (já sob o governo de Michel Temer, o presidente mais impopular do mundo, segundo pesquisa recente), o Brasil vem se dividindo cada vez mais. Uma direita furiosa, cega e surda vem ganhando cada vez mais terreno. Baseada em leituras fundamentalistas da religião, ela pratica abertamente a censura às artes e às manifestações políticas, e seu maior representante, um oficial do exército brasileiro, aparece bem cotado para as eleições presidenciais de 2018. A esquerda está desestruturada. O ex-presidente Lula, seu maior líder desde os anos de 1980, foi condenado por corrupção, está preso, e aparece mesmo assim como maior candidato a um novo mandato.

Populismo.

Acusações de lado a lado.

Violência, hostilidade, preconceito, ódio.

Precisamos de graça infinita.

O Brasil de hoje vive de fato uma distopia. E nessa hora é bom lembrar que se a Netflix pode ter sido renunciada em *Graça Infinita*, o presidente Johnny Gentle (caricatura de Ronald Reagan, claro) também parece antever em considerável medida a imagem de bufão criminosamente irresponsável de um Donald Trump. Grandes criadores, como os profetas, não inventam o mundo que virá. Eles apenas o enxergam antes dos outros, com maior nitidez.

E acima de tudo é bom lembrar que se Wallace pôde ter (sobre mim e sobre tantos outros) uma influência profunda, ela não se limita ao campo da forma e da execução literária.

Valorização da oralidade. Sim. Criação de uma nova complexidade sintática, menos derivada de uma noção sinuosamente proustiana de frase, e mais baseada nos meandros inconclusos do nosso pensamento. Sim. Celebração do incompleto e da densidade de inter-relações na trama. Sim. Uso de um modelo “fractal” para estruturação de uma narrativa mais longa. Sim. Claro.

Mas não terão sido esses os aspectos que mudaram mais incontornavelmente seus leitores. Não serão esses dados que terão gerado a possibilidade de eu, um brasileiro irrelevante, estar aqui conversando com você, num mundo que eu não conheço, sobre alguma coisa tão centralmente importante. Essas coisas mudam livros. Mas o que de fato muda uma literatura são pessoas. E Wallace é um dos autores com maior potencial de mudar pessoas que eu conheço.

(E aqui cabe um novo parêntese: recentemente, depois da publicação original deste texto na Sérvia, vieram novamente à tona as acusações da poeta Mary Karr, modelo mais direto para a Madame Psicose de *Graça Infinita*, que sofreu violento assédio obsessivo de parte de Wallace, depois de uma breve relação com ele. Em grande medida essa nova carga de acusações é mais dirigida a D. T. Max, primeiro

biógrafo de Wallace, e à leviandade com que ele glosa esses eventos e os caracteriza como parte do processo criativo de Wallace.

Houve no entanto quem questionasse, a partir dessas “revelações”, o papel ético de Wallace. Houve quem se perguntasse se sua obra, e sua então questionável ênfase na empatia e na “kindness”, não fica irremediavelmente fragilizada.

Acho que, até para explicitar o meu ponto de vista no todo do texto, vale mencionar que de fato houve, e há, certo culto de um São David [culto que chegou a ser ridicularizado mesmo por Jonathan Franzen, amigo próximo de Wallace]. E esse culto pode ter sofrido um duro golpe ao se ver lembrado do comportamento de Wallace em sua relação com Karr. Mas vale também deixar claro que aquilo a que me refiro aqui tem quase nada a ver com a vida de Wallace. E pode em grande medida ter surgido em sua literatura não como extensão de alguma santidade iluminada, mas como decorrência de sua complicada luta com as piores partes de si próprio. Ele inscreve, afinal, esse relacionamento abusivo no romance. Ele publica logo depois disso um livro centrado em *Homens hediondos*.

Ele, como Tolstói, estava muito longe de ser santo. E especialmente muito longe de ter sido santo a vida toda.

Mas queria, ele como Tolstói, lutar contra os demônios. Mudar. E te fazer pensar em mudar.

Nada disso alivia em um micrograma o fardo que tudo aquilo representou e ainda representa para Karr, por exemplo. E é claro que aquilo pode, e deve, matizar nossa leitura da obra. Mas a obra ainda é uma tentativa de reflexão. Ainda tem que ser lida como tentativa de reflexão, como reflexo não de uma postura no mundo que já exista, no autor ou em qualquer outra pessoa, e nem mesmo como vislumbre de algo que acreditamos que virá a existir, mas como análise da necessidade do processo, da tentativa.)

Poucos outros ficcionistas demonstram tão claramente, com tanta franqueza, que seu projeto maior na literatura é empregar as formas da narrativa para entender melhor o ser humano. Para se entender. Para te entender e te ajudar a se entender. E entender o outro, o mundo a sua volta. A “água” que te cerca o tempo todo, como na parábola dos peixinhos.

Quando me perguntam o que teria sido mais difícil na tradução de *Graça Infinita*, as pessoas sempre esperam que eu cite problemas interlinguísticos. Minha resposta, no entanto, invariavelmente diz que o mais duro de tudo foi viver, por meses e meses a fio, DENTRO da cabeça de viciados, depressivos, miseráveis... ser aquelas pessoas. Traduzir é viver aquelas ideias para que elas possam ser minhas a ponto de convencerem o leitor a fazê-las suas. Traduzir é viver por *dentro* daquelas vozes. E aprender a ser cada um deles.

E pode doer.

Por vezes pode machucar demais.

Mas quando me perguntam qual foi a melhor parte de traduzir *Graça Infinita*, minha resposta é a mesma. Viver aquelas coisas.

E dá-las aos outros.

Aos leitores. Aos romancistas que virão. Às pessoas que precisam tanto de menos ódio. Mais esforço e compreensão, de si mesmas e dos outros.

Pessoas que precisam se lembrar da água.

REFERÊNCIAS

FRANZEN, Jonathan. “Farther Away”. In *The New Yorker*, 18 de abril de 2011, Nova York.

HOLDEFER, Camila von. “Faniquitos ululantes”. < <http://www.camilavonholdefer.com.br/faniquitos-ululantes-2/>> (acesso em 16 de maio de 2018).

GALINDO, Caetano Waldrigues. *Ensaio sobre o entendimento humano*. Curitiba: Biblioteca Paraná, 2013.

_____. *Sim, eu digo sim: uma visita guiada ao Ulysses de James Joyce*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

JOYCE, James. *Ulysses*. Paris: Shakespeare & Company, 1922.

_____. *Ulysses*. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

WALLACE, David Foster. "A aura da ironia" (trechos de "E Unibus Pluram"). Trad. Sérgio Rodrigues. Revista Serrote, Instituto Moreira Salles, Rio de Janeiro, 2010.

_____. *Breves entrevistas com homens hediondos*. Trad. José R. Siqueira. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

_____. *Brief Interviews With Hideous Men*. Nova York: Little, Brown, 1999.

_____. "David Lynch não perde a cabeça". Trad. Caetano W. Galindo. In *Arte & Letra*, 2008, Curitiba.

_____. "E Unibus Pluram". In *A Supposedly Fun Thing I'll Never Do Again*. Nova York: Little, Brown, 1997.

_____. *Ficando longe do fato de já estar meio que longe de tudo*. Trad. Daniel Galera & Daniel Pellizari. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

_____. *Graça Infinita*. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

_____. *Infinite Jest*. Nova York: Little, Brown, 1996.

_____. "A liberdade de ver os outros" (This is Water). In *Piauí*, 25, outubro de 2008, sem crédito de tradução.

_____. *A piada infinita*. Trad. Salvato Teles de Menezes & Vasco Teles de Menezes. Lisboa: Quetzal, 2012.

_____. *O rei pálido*. Trad. Caetano W. Galindo. São Paulo: Companhia das Letras, 2019, no prelo.

_____. *The Pale King*. Nova York: Little, Brown, 2011.

_____. *This Is Water*. Nova York: Little, Brown, 2009.

_____. *Unendlicher Spass*. Trad. Ulrich Blumenbach. Colônia: Kiepenheuer & Witsch, 2009.